


UM MUNDO NUNCA FECHADO

A never enclosed world

Hugo António Lopes Martins

<https://orcid.org/0000-0003-1443-5649> 

António Costa Lima Arquitectos, Lisboa,
Portugal – hlm@antoniocostalima.com

Resumo: O presente ensaio, escrito na sequência de uma investigação académica de Mestrado em Arquitetura, visa demonstrar a importância da cultura literária no trabalho de projecto de arquitetura. Tomam-se dois exemplos concretos para ilustrar a importância desta relação. Por um lado, o plano para a Cidade Velha (Cabo Verde) coordenado por Álvaro Siza Vieira, plano que não pôde ser bem-sucedido pelo seu distanciamento às aspirações e tradições locais. Como interpretar então a história local, como compreender a relação dos habitantes com o seu habitat? A resposta que aqui se propõe é que a literatura contribui precisamente para isto: ela ensina-nos a sondar a história dos lugares. Toma-se como exemplo a obra de Agustina Bessa-Luís, salientando a relevância que certos espaços têm na sua obra, atravessando vários títulos, e portanto extravasando o universo romanesco e situando-se no campo da memória e da experiência pessoal da autora. No confronto entre estes dois entendimentos dos lugares (um, técnico e exterior, o outro, sensível e pessoal) procura-se defender a importância duma maior cultura literária no trabalho de arquitetura.

Palavras-chave: Literatura; Arquitetura; História local.

Abstract: This essay, written in the context of an academic MSc Dissertation in Architecture, aims to demonstrate the importance of literary culture in the process of architectural design. Two examples are used to demonstrate such relationship. One is the plan for the Cidade Velha (Cape Verde) coordinated by Álvaro Siza Vieira, a plan which could not succeed because of its detachment from the local aspirations and traditions. Then how to interpret local history, how to understand the links between the inhabitants and the habitat? The answer proposed here is that this is precisely the contribution of literature: it teaches us to inquire the history of places. The work of Agustina Bessa-Luís is used as an example, highlighting the relevance of certain spaces within her bibliography, which can be found in different books, thus escaping the merely fictional realm and crossing over to the personal experience of the author. In the confrontation between these two understandings of place (one, technical and external; the other, emotional and personal) we seek to defend the importance of a larger literary culture in architectural design.

Keywords: Literature; Architecture; Local history.

Introdução

Estávamos na viragem do milénio e, mais de cinco séculos após ser fundada, a Cidade Velha, antigamente Ribeira Grande, primeira cidade construída em Cabo Verde pelos portugueses, tem como objetivo atingir o estatuto de Património Mundial da UNESCO. Para tal, seria necessário executar um programa de recuperação do núcleo histórico, tendo o governo local convidado o arquiteto Álvaro Siza Vieira para coordenar o processo.

O desafio é hercúleo: desenhar e definir a habitação, entre construções já existentes e edificadas com a sabedoria popular, projetando ainda nos interstícios existentes e respeitando a vontade daqueles que são os proprietários das terras. Mais que um processo camarário ou meramente burocrático, é um problema local, de higiene, de conforto. E, precisamente por ser local, torna-se complexo pelas diversas impossibilidades que seguem num processo desta natureza – a dificuldade de ter mãos habilitadas para conduzir o projecto in loco, a despesa que seria importar todas essas mãos de Portugal, a limitação em termos de materiais para executar um simples levantamento. Tudo fadava para a ruína desta tentativa, o que não tardou a acontecer.

No entanto, o arquiteto parte para Cabo Verde em abril do ano 2000. A acompanhar este processo estava, naturalmente, toda a população local, especialmente a que habita no núcleo histórico da Cidade Velha. Com mais pedidos de alterações ou com simples mudanças de telhado, os habitantes faziam as suas listas, listavam os seus sonhos. Dona Rosalinda não foi exceção, tendo como pedidos expressos a colocação de vidros nas janelas (só tinha portadas como vedante das intempéries) e a telha, tema que se revela a maior pedra de toque em todo o processo. Sempre bem-disposta e de riso fácil, Linda, como lhe chamavam, dava as boas-vindas a esta equipa externa de arquitetos e figuras associadas à sua casa, à sua Cidade. Sendo uma das mais experientes no local, explica aos visitantes (principalmente às duas arquitetas da equipa de Siza Vieira) a importância das ruas Banana e Carreira, fundamentais na malha urbana (ALVES COSTA, 2003).

Numa época de sonhos crime é não sonhar. Rosalinda comenta, a certo ponto, o interesse em crescer uma dependência nas suas comodidades, de modo a albergar um quarto para turistas, ao que lhe chamam a “mini-pousada”. Numa outra cena, longe dos holofotes mediáticos da rua, Siza Vieira e a equipa reúnem-se, ficando uma palavra sublinhada nessa reunião: um programa (ALVES COSTA, 2003). Nada poderia diferir excentricamente deste programa, iniciando-se aqui uma luta burocrática que, apesar de ser comum para quem lida com a mesma diariamente, será desagradável para aqueles que se iniciam em processos deste género.

É só nove meses depois que voltamos a ter notícias da população da Cidade Velha. A indefinição do projecto, a falta de meios e o desânimo pela questão do que ficariam a ganhar com toda aquela intervenção paira no ar. É visível, no entanto, a crescente revolta perante o arquiteto, sendo relatado que estariam todos os meios à espera do mesmo para avançar.

Ainda assim, apenas no mês de setembro Siza Vieira volta a Cabo Verde. O seu discurso faz denotar a falibilidade do plano. A certo ponto, em reunião de equipa, afirma não querer “meter turistas sólidos na Ribeira Grande” mas que também não estaria “disposto a ser aqui um travão a que as pessoas vivam na Cidade Velha”, rematando com aquilo a que se refere como uma “posição ética impossível: dizer não e não dar meios” (ALVES COSTA, 2003).

Esta visita do arquiteto não trouxe felicidade a Dona Rosalinda. Perdera serenidade,



tornara-se dura e encontrava-se revoltada com a situação. É a primeira a dar voz à revolta do povo:

Agora é guerra!

Se nos derem a telha para cobrir agradecemos (...) mas se não derem pomos de qualquer maneira (...). Agora palha não pomos! (ALVES COSTA, 2003)

Este escalar de conflito verbal acabaria por originar uma reunião da população com o então Ministro da Cultura de Cabo Verde, António Delgado que, prontamente, se dedica a encontrar apoios para construir instalações sanitárias nas habitações locais e fazer a cobertura das casas somente com o material que vá de acordo com o necessário para apresentar a candidatura à UNESCO. Refletindo sobre a possibilidade do nome de Siza Vieira ser usado como exculpação às indefinições políticas que existiam tanto em Cabo Verde como em Portugal, e não julgando as versões pelo que elas são (singelos momentos num documentário de sessenta minutos), Delgado, antes de todas as promessas, indica que estão em campanha eleitoral, tendo mesmo antes, em tom ameaçador, avisado a população que aquela reunião não seria palco para o surgimento de uma nova oposição política... (ALVES COSTA, 2003)

Siza não compareceu a esta reunião. Na verdade, voltaria apenas em agosto de 2002, intrigado com o despontar de uma cobertura de telha (rapidamente se percebeu que era algo já existente, viam de longe o edifício da escola). Fica claro nesta visita que a candidatura ao estatuto de Património Mundial seria praticamente impossível de realizar. Com um novo ministério (note-se que se passaram onze meses da data da reunião com António Delgado) e os mesmos problemas, não há grande solução. Fica a promessa da construção da pousada, edifício que fica apartado da povoação e que seguia o seu planeamento natural para ser executado (ALVES COSTA, 2003).

Em toda esta visita, não há contacto com o povo. Dona Rosalinda assiste incrédula. No entanto, há uma sensação de calma, de paz. Mais tarde, a voz do povo, pela boca de Rosalinda, faz-se ouvir:

Já toda a gente se encheu de coragem e não espera pelo Ministério. Já ninguém espera, quem tem obras a fazer vai começar. Eu própria vou fazer, só falta ter o projecto pronto. (ALVES COSTA, 2003)

Quase três anos após a primeira visita de Siza Vieira à Ribeira Grande, a candidatura à UNESCO não fora entregue. No entanto, as coberturas das habitações foram trocadas... por colmo. A população, derrotada na luta pela telha, ironizava o assunto, assumindo a certeza de que, se fosse ao contrário, não queria o arquiteto ter aquela materialidade em sua casa. Este encontrava-se no seu atelier, no Porto, e não deixou de dar algumas explicações sobre o sucedido, assumindo que “pôr em acção as decisões tem-se mostrado muito difícil (...) de ambos os lados (cooperação portuguesa e espanhola e governo de Cabo Verde)”, chegando a afirmar que tudo “é simples mas, pelos vistos, muito complicado

de realizar” (ALVES COSTA, 2003).

Alheia a todo este discurso, Dona Rosalinda visita, pela primeira vez, o edifício da pousada. Quase terminado à altura, o albergue abre-se ao público por vazios entre os volumes que se fundem num pátio murado pelos mesmos. No interior do pátio observam-se as paredes em pedra encimados por uma cobertura... de telha. Rosalinda caminha entre o entulho das obras, com as mãos entrelaçadas atrás das costas, com o seu peito cheio de orgulho da sua terra e do seu povo. Questiona a um dos trabalhadores por todas as comodidades que aqueles espaços têm no seu interior, recaindo o tema nas instalações sanitárias (uma por quarto...) e nos locais onde se cozinha. É tudo uma grande surpresa e, como a própria refere, passaram mais de vinte anos desde que ali fora da última vez. Antes de abandonar o local, analisa a pousada como um objecto que “vai trazer à Cidade Velha uma nova visão” (ALVES COSTA, 2003).

Se é com Dona Rosalinda que se abre a história da Cidade Velha, será com ela que a mesma se encerra, onde diz em tom profético:

A Cidade, lá para 2010, nessa altura se calhar já não vou estar cá, mas lá para 2010, ou antes, a Cidade encontra o seu caminho. Com esta grande pousada. Vai melhorar... Vão restaurar a Igreja, a Cidade vai tomar outro rumo... Eu penso assim... É bom, muito bem. (ALVES COSTA, 2003)

Cinquenta e cinco anos antes desta profecia, Agustina Bessa-Luís lançava o seu primeiro romance em nome próprio, intitulado *Mundo Fechado* (BESSA-LUÍS, 2004 [1948]). Este segue os caminhos de Pedro, jovem académico num estado moribundo que visita parte da sua família em terras do Douro para repousar da sua doença. As chamadas “férias na aldeia” (BESSA-LUÍS, 2004 [1948], p. 14) no “pequeno vale de quinta, sobre as vessadas verdes” (BESSA-LUÍS, 2004 [1948], p. 13) na “velha casa dos avós de campo” (BESSA-LUÍS, 2004 [1948], p. 18). Desde cedo, neste romance, se entende a contundência de Pedro para com a aldeia rural e as suas gentes, a separação que este fazia mentalmente entre aquilo que designava “pequenezas, ditos, mexericos da terra” (BESSA-LUÍS, 2004 [1948], p. 20), enquanto fazia quadras para si próprio, nas mais diversas línguas, sugerindo intelectualidade, mesmo quando o conteúdo era questionável. Com o passar do tempo, ganha uma “ânsia de sair dali, fugir, correr à cidade” (BESSA-LUÍS, 2004 [1948], p. 29), mesmo que entenda que é onde está que se respira “o sentido do lar, na verdade” (BESSA-LUÍS, 2004 [1948], p. 29), escolhendo nesse sentido percorrer toda a aldeia.

Sem prejuízo para a história do romance, sublinha-se a proximidade visual e histórica desta aldeia às propriedades da família de Agustina, compreendendo-se que esta casa da qual se falou acima se trata da afamada Casa da Vessada, tão bem retratada em *A Sibila* (BESSA-LUÍS, 1995 [1954]), sendo Pedro uma criação agustiniana num sentido, até certo ponto, autobiográfico, significando que a memória de percorrer os caminhos da aldeia e falar com os seus vizinhos será a memória de Agustina a trilhar esses percursos e as pessoas que vira, em diálogos que imaginara ou tivera com os mesmos. Nesse sentido, note-se que o percurso de Pedro acontece entre a casa da Vessada e o Mosteiro de

Travanca, passando pela casa da sua ama Rosa, sendo esta uma alusão à casa retratada n' *O Mosteiro* (BESSA-LUÍS, 1980) (onde Belche, o protagonista, se refugia uma temporada para escrever sobre o mito sebástico).

Quanto à casa da ama Rosa, eis o que nos relata Agustina:

Em casa da ama Rosa, sempre surpreendia Pedro o mesmo ambiente correcto, civilizado, de propriedade nos subúrbios: o jardimzinho onde floriam as dalias, o poste de electricidade, o asseio um pouco ajanotado do terreiro. Parecia-se muito com uma casa de bairro; pequena, dum só piso e cobertura de telha marselha, ali, entre os casebres colmados e construídos arcaicamente com o pedregulho solto, ela era uma coisa gloriosa, perfeita e bastante fechada com invejas. Pedro, muito mimado da Rosa, a antiga ama, consternava-a sempre com as suas opiniões a respeito da casa, de que não gostava. (BESSA-LUÍS, 2004 [1948], p. 33-34)

Pedro não gostava da casa. A rapidez com que esta descrição é feita, com o auxílio de uma ou outra frase para esse sentido, como a casa ser “toda branca e vermelha, poisada como um brinquedo no terreiro nu, levemente ensaibrado” (BESSA-LUÍS, 2004 [1948], p. 34), indicam-nos desde já o despego com que Agustina fala da mesma em 1980, n' *O Mosteiro* (BESSA-LUÍS, 1980). Pedro seguiria o seu percurso, passando por esse marco de Travanca que é o mosteiro, voltando depois à casa da Vessada e à sua envolvente próxima, mas não a esta casa (BESSA-LUÍS, 2004 [1948]).

Abandonando Pedro ao seu desenlace e focando o tema nesta sentença da casa da ama Rosa, colocando em paralelo uma leitura urbanística realizada por Agustina Bessa-Luís de um modo literário ao território da aldeia retratada e *Mundo Fechado* (BESSA-LUÍS, 2004 [1948]) e n' *O Mosteiro* (BESSA-LUÍS, 1980), encontramos pistas mais que suficientes para entender a leitura de Álvaro Siza Vieira, meio século depois, à Cidade Velha (ALVES COSTA, 2003). A introdução de um elemento novo nestes contextos tende a criar uma rotura nos tecidos urbanos, sejam eles de que escala sejam. A leitura da globalidade espacial, como defendida por várias vozes do passado nos meios académicos, deverá ser uma qualidade que a arquitetura apreenda como básica e necessária, algo que Siza Vieira não esqueceu ao perceber o que era local, típico, no contexto em que se inseria. Porém, há também algo a entender no sentido oposto: o proprietário terá sempre uma palavra a dizer, principalmente quando se trata do seu próprio conforto. Não é por acaso que, trinta e dois anos depois de *Mundo Fechado* (BESSA-LUÍS, 2004 [1948]), Belche veja em Travanca “terrenos ocupados por casas (...) pintadas dum rosa estridente ou verde aberto, ao gosto dos novos pequenos burgueses” (BESSA-LUÍS, 1980, p. 175) ou mesmo “maisons, com azulejo a meio corpo e varandas como prateleiras que vão receber a sua mercadoria (...). Ou então eram as casas extraordinárias dos mestres de obras, com escadas como cascatas congeladas e (...) as que tinham piscina e um bar dentro duma vasilha de cinco almudes” (BESSA-LUÍS, 1980, p. 175).

Isto significa que, aquilo que aconteceu durante quatro décadas nas aldeias portuguesas, tão bem retratado por Agustina, foi transposto para a Cidade Velha neste

espaço temporal de três anos, principalmente pela maneira como foi tratada a construção da pousada que, em vez de convergir e fundir-se com a aldeia, se distanciou e se “casou” com os edifícios de maior porte, como a escola.

Significa, ainda, que toda a experiência que nos foi passada pelos romances de Agustina poderia muito bem ter protegido melhor a comitiva portuguesa que se deslocou a Cabo Verde, com esperanças de melhorar um local de um determinado modo, encontrando porém a vontade da progressão para formas distintas. Foram dadas ferramentas ao povo para sonhar, o povo sonhou. Por outras palavras, e como diria Narcisa Soqueira, vizinha de Quina e Estina n’A *Sibila*:

– Tu que queres de mim? – disse ela, de repente, um pouco sem propósito.
– Precisava de dez vidas ainda para conhecer isso tudo tão bem como conheço a minha freguesia. Aprender muitas coisas não importa, porque, ao fim e ao cabo, em toda a parte há sete cores e sete ventos, e o homem é só um. (BESSA-LUÍS, 1995 [1954], p. 37)

Temos, desde sempre, a ideia pré-concebida de que um romance é inteiramente ficcional, que o autor desfia do seu imaginário todas as interações, todos os cenários, todas as ideias que são apresentadas nestas obras. No entanto, e como demonstra Agustina, a tarefa de redigir uma obra literária faz com que a história contada, o passado e as vivências surjam em catadupa para se mesclarem com a imaginação do artista, perfazendo uma mistura inédita e, ao mesmo tempo, possível de ser lida como um acontecimento histórico ao olhar mais atento.

Quando for possível aos variados artistas isolar os temas de seu foco na literatura e estudar os mesmos, aprendendo a separar aquilo que será eventualmente pura imaginação do que será histórico e factual, talvez possam os arquitetos perscrutar a História, sondar a identidade dos lugares. Para isto, apoiemo-nos nas obras literárias para nos precaver de situações idênticas a outras tantas que aconteceram tal como a história do embate entre a vontade do povo e a vontade política na Cidade Velha (ALVES COSTA, 2003), aqui contraposta à casa da ama Rosa do *Mundo Fechado* (BESSA-LUÍS, 2004 [1948]).

Por mais tempo que passe e por mais mãos que levantem penas e escrevam as mais variadas publicações, não haverá um só dia em que Agustina não seja recordada e amada. É asoerbante a maneira como uma visão perspicaz de todos os temas à sua volta consiga confluír nos mais variados estudos, toque nos mais distantes pontos, com a simplicidade desarmante que apresentam os seus romances, os seus contos, os seus artigos. Apesar de se ter fechado um mundo inteiro quando Agustina decidiu partir para outras vessadas, haverá um mundo nunca fechado cada vez que alguém se aventure a compreender o passado tão bem julgado pela mesma, definindo um futuro com a experiência que transita do papel para as vindouras gerações.

Referências

ALVES COSTA, Catarina. *Siza Vieira, o arquitecto e a Cidade Velha* (documentário videográfico). Lisboa: Laranja Azul, 2003.

BESSA-LUÍS, Agustina. *Mundo Fechado*. Lisboa: Guimarães Editores, 2004 [1948].

BESSA-LUÍS, Agustina. *A Sibila*. Lisboa: Guimarães Editores, 1995 [1954].

BESSA-LUÍS, Agustina. *O Mosteiro*. Lisboa: Guimarães Editores, 1980.

NOTAS DE AUTORIA

Hugo Lopes Martins (hugolopesmartins@gmail.com), nascido em Braga, 1991. Mestrado em Arquitetura em 2017, o seu trabalho final incluiu uma dissertação escrita sobre a dimensão espacial de dois romances de Agustina Bessa-Luís. Colaborador desde 2018 no atelier António Costa Lima Arquitetos. Em 2020 foi um dos oradores do evento Conferências Andantes dedicado a Agustina Bessa-Luís (organização Stay To Talk), repetindo o feito em 2022, evento enquadrado na comemoração do centenário da escritora. Cf. *Agustina 100* (disponível em <https://agustina.pt>).

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

MARTINS, Hugo Lopes. Um mundo nunca fechado. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 27, p. 01-07, 2022.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Conflito de interesses

Não se aplica

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 30/04/2022

Aprovado em: 28/08/2022

Publicado em: 04/11/2022

